



Comunicação e Cidade: Um Estudo Sobre As Representações Midiáticas Da Violência Nos Megaeventos Do Rio De Janeiro.¹

Douglas dos Santos Azevedo²

Ricardo Ferreira Freitas³

Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ

Resumo

O interesse pelas representações sociais articuladas pela mídia a respeito da violência urbana é a grande fonte inspiradora desta investigação. Para isso, este trabalho se debruça sobre as narrativas elaboradas em torno da temática da violência, priorizando as agressões veiculadas em jornais impressos no período do carnaval no Rio de Janeiro. A cidade é um dos importantes palcos de eventos de grande porte no mundo. Em geral associado ao carnaval e ao reveillon, o Rio de Janeiro recebe milhares de turistas durante todos os meses do ano. Neste projeto, trabalharemos mais especificamente com as narrativas em torno da violência no carnaval, veiculadas no jornal O Globo e no jornal O Dia, no período de 12 de Fevereiro a 14 de Março de 2011.

Palavras-Chave: Comunicação; violência urbana; cidade; megaeventos; carnaval.

Introdução

Os eventos e suas reverberações no cotidiano urbano têm sido pouco valorizados nos estudos da teoria da comunicação e das ciências sociais aplicadas. Há uma grande dificuldade de se encontrar literatura quando tentamos discutir, à luz das representações sociais, como os eventos interferem nas cidades e como a mídia processa esses acontecimentos. Se pensarmos mais especificamente em megaeventos em cidades do porte do Rio de Janeiro e focarmos sobre a questão da cobertura jornalística da violência urbana, a discussão se problematiza de forma exponencial, devido aos paradoxos encontrados na mídia, misturando narrativas de horror sobre o cotidiano e de alegria em função dos eventos.

O interesse pelas representações sociais articuladas pela mídia a respeito da violência urbana e a reverberação na sociedade das notícias veiculadas pela imprensa, são as grande fontes inspiradoras desta investigação. Para isso, este trabalho se debruça sobre os discursos elaborados em torno da temática da violência, priorizando as agressões veiculadas nos jornais O Globo e O Dia no período do carnaval do Rio de Janeiro.

¹Trabalho apresentado na DT 8 – Estudos Interdisciplinares – GP Teorias da Comunicação do Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste, realizado de 12 a 14 de Maio de 2011.

² Aluno de Graduação do curso de Relações Públicas da Uerj.

³ Orientador do trabalho. Professor adjunto da Faculdade de Comunicação Social da UERJ. Pós-doutor em comunicação pelo CEAQ/Sorbonne (2007).



Abordagem do Tema

Na contemporaneidade, um emaranhado de novas tecnologias habita, e muitas vezes constituem, a rede de comunicações em que se baseia o evento, sendo, em alguns casos, essa rede mais importante que o próprio certame em questão. Horários e locais são escolhidos em função da possibilidade de mediatização do acontecimento, por exemplo. Quanto mais infra-estrutura de comunicação tiver uma cidade, mais eventos ela receberá. Não raramente, os eventos são vistos tanto por empresários quanto por atletas e artistas como uma grande oportunidade de dar visibilidade a seu negócio, tornando o espetáculo, assim, mais significativo que a própria atividade em si (Debord, 1992, p. 21/22).

No período de carnaval, no Rio de Janeiro, notamos bem esse processo de mediatização. Os horários são escolhidos pela detentora dos direitos de transmissão independentemente da opinião de quem faz o evento, sendo mais importante, na maioria das vezes, que o evento em questão. Com isso, passa-se a impressão que a mídia controla o evento e até interfere no resultado final. Alguns locais passam por um processo de ‘maquiagem’ para não aparecerem feios na mídia. Porém, após o evento, tudo volta ao normal e o descaso do poder público junto ao da mídia (pois para a mídia vale mais maquiar em um período do que reformar seriamente), leva locais ao abandono, a Vila do Pan é um dos exemplos de abandono do poder público após o período que serviu de base para eventos.

Michel Maffesoli (2004b) atribui especial importância à observação de grandes ajuntamentos e dos excessos característicos das efervescências sociais. Nesses eventos desenvolve-se um tipo de sociabilidade onde não se deseja compreender, nem conhecer profundamente o outro, saber dos seus atributos profissionais ou financeiros. Por algumas horas ou alguns dias os problemas do cotidiano ficam em segundo plano, pois o primeiro é encontrar os amigos, se unir ao desconhecido e dançar junto, torcer junto ou até reclamar junto. Tanto faz. O importante é estar junto.

Evidentemente, o carnaval carioca é o maior laboratório para evidenciar o que Maffesoli diz. Pessoas de todos locais do Rio de Janeiro, de classes sociais distintas e bem contrastantes, de diversas etnias, de distintos níveis de intelecto, unem-se para cantar, pular e curtir o carnaval. Com isso, surgem amizades, amores e muitas histórias que ficam na lembrança, como Chico Buarque descreve magistralmente em sua canção:

“Era uma canção, um só cordão
E uma vontade
De tomar a mão
De cada irmão pela cidade
No carnaval, esperança
Que gente triste possa entrar na dança
Que gente longe viva na lembrança
Que gente grande saiba ser criança”

Chico Buarque - Sonho de Carnaval (1965)



Neste projeto, para além da questão espacial, entendemos megaeventos como encontros que repercutem na mídia, despertando o interesse de milhares ou milhões de pessoas. Mais do que a presença física no certame, levamos em conta se o evento teve alcance de público pelos meios de comunicação de massa e pelas mídias sociais e se uma parcela importante da sociedade se expressou sobre o assunto. Percebemos que um megaevento não se restringe ao tempo de sua duração, ele vai além. Começa muito antes de seu início e termina muito após seu encerramento. Por conta de suas reverberações, um megaevento se espalha por quase toda a sociedade em que se insere, o que nos remete ao conceito de fato social de Émile Durkheim (1978).

O carnaval do Rio de Janeiro em 2011, por exemplo, teve início três semanas antes da data oficial do carnaval (Terça-feira - dia 8/3) e terminou no fim de semana após a data. Sendo assim, um evento que a princípio teria no máximo uma semana de duração, teve, este ano, quatro fins de semana animados. É como se a cidade parasse para curtir o carnaval, as pessoas já saíam do trabalho às sextas-feiras, fantasiadas para curtirem algum bloco que passasse, o importante era esquecer o estresse, conhecer novas pessoas e brincar o carnaval, mesmo que seja fora da data oficial. E essa participação de grande parte da sociedade, faz-nos evocar o que Durkheim diz a respeito de fato social.

No caso dos megaeventos, os impulsos coercitivos e as reverberações se dão, sobretudo, pela mídia. É claro que, com o advento da Internet, devemos considerar que fatos e produções do cotidiano ganham novos sentidos a partir de cada apropriação ou reapropriação produzidas. Nesse sentido, as redes sociais foram de extrema importância para muitos blocos que saíram no carnaval do Rio de Janeiro. O fenômeno midiático ‘flash mob’ foi usado com o objetivo de aglomerar pessoas entorno dos blocos. Até então, o conceito flash mob era usado por muitas agências de publicidade com o mesmo objetivo primário de juntar pessoas, de preferência desconhecidas, todavia, o objetivo secundário, e obviamente o mais importante, era uma campanha para algum cliente. Outrossim, alguns grupos usam o flash mob para fatores sociais, um caso bastante conhecido foi o da “*La rebellion de los SMS*”, dia 13 de Março de 2004, na Espanha, onde vários espanhóis enviaram mensagens de texto para se reunirem em favor dos mortos pelo ataque terrorista nos trens metroviários, dia 11 do mesmo mês e ano. E nesse carnaval, o flash mob foi utilizado em peso pela comunidade virtual, transformou blocos, até então desconhecidos, em verdadeiros fenômenos de unir pessoas, acarretando atenção da mídia e consequentemente aumentando sua ‘fama’.

São, portanto, os meios de comunicação, em suas mais variadas formas, que potencializam a magnitude de um megaevento. Ao mesmo tempo em que se retroalimentam das reverberações, eles causam o envolvimento coletivo para continuar noticiando o acontecimento (Queré, 2005). Daí considerarmos o megaevento como um fenômeno social midiático. Uma das grandes chaves para entendermos essa ligação reside no envolvimento da sociedade em torno daquele acontecimento: as modificações que ocorrem na rotina da cidade com relação ao trânsito; o funcionamento dos transportes públicos; do comércio; a própria alteração na rotina e interação dos cidadãos, bem como um olhar mais carinhoso sobre a cidade. Podemos constatar citando o metrô do Rio de Janeiro, que funcionou 24 horas de sábado até terça-feira. A rotina de muitos trabalhadores foi alterada no período de carnaval, principalmente os que trabalham nas imediações dos locais de desfiles. Mudança no trânsito eram



constantes, nem sempre bem aceitas pela população, mas necessárias para o ‘conjunto da obra’.

As representações que hoje são feitas do homem urbano, da violência e das instituições que os cerca são, em boa parte, construídas pelos meios de comunicação de massa (Moscovici, 2003, p.33). Esses discursos, de ampla visibilidade, nomeiam e classificam as práticas sociais, produzindo significados diversos. Ao elegermos a mídia impressa como campo de análise, propomos identificar e analisar as significações que são atribuídas ao cotidiano a partir de uma mediação jornalística mais formal. Nosso foco desloca-se das formas das estruturas narrativas para a análise das relações estabelecidas pela produção de sentidos do ato de narrar, uma vez que os discursos, por sua ampla visibilidade, orientam as práticas sociais.

Em geral associado ao Carnaval e ao Reveillon, o Rio de Janeiro recebe milhares de turistas durante todos os meses do ano. No entanto, a imagem de cidade violenta e perigosa se consolidou, nas últimas décadas, como uma das primeiras características lembradas por turistas estrangeiros e brasileiros. Curiosamente, esse medo não diminuiu a importância e a grandeza dos megaeventos nela sediados, como pôde ser observado no carnaval de 2011 no Rio de Janeiro que bateu todos os recordes de público tanto nos blocos de rua como no Sambódromo.

Análise do objeto de estudo e seus respectivos dados

Neste trabalho, especificamente, começamos a análise desde o período pré-carnavalesco. Dia 12 de Fevereiro, três semanas antes do início oficial do carnaval, já começavam os ensaios pré-carnavalesco dos blocos de rua, começando pela tradicional Banda de Ipanema e seguindo com o bloco ‘Vem ni mim que sou facinha’; dando sequência, dia 13, no Leblon, a festa continuou sob o comando do bloco Vira Lata. Este tinha a expectativa de foliões, segundo a prefeitura, de cinco mil pessoas, mas segundo a polícia militar, vinte mil pessoas acompanharam a passagem do bloco. Estava sendo dado o pontapé inicial para dias de alegria, tristeza, muita falta de educação e por fim, a consolidação do novo fenômeno midiático: ‘Flash Mob’.

Do dia 12 de fevereiro até o dia 13 de Março, 424 blocos cadastrados na Prefeitura pularam o carnaval. Segundo o jornal O Globo¹, o número de blocos em relação ao ano passado teve uma queda (Em 2010 foram 461 blocos), porém, em relação aos foliões, o resultado foi um crescimento de 20% em relação a 2010. Nesse período pré-carnaval, destaca-se uma pequena melhoria em alguns setores como limpeza de ruas, controle dos desfiles, orientação do trânsito e repressão a ambulantes não cadastrados. Todavia, um quesito já começava a dar sinal de iminência: A má educação de urinar nas ruas.

Prosseguindo com o pré-carnaval, dia 26 de Fevereiro, teve início o que parecia ser um ensaio do maior bloco de carnaval do Rio de Janeiro: O cordão da Bola Preta, que desfilou na noite de sábado para domingo, no centro do Rio de Janeiro. Domingo, o destaque foi para o tradicional bloco ‘Suvaco do Cristo’ e para o ainda novato ‘Bloco da Preta’ da cantora Preta Gil, que atraiu uma multidão de foliões na Viera Souto, em Ipanema. Com um fim de semana recheado de blocos, a operação Choque de Ordem

¹Fonte: Jornal O Globo – 1/3/2011



da prefeitura deteve 214 pessoas por urinar na rua; rebocou 266 veículos e multou outros 753 estacionados em locais proibidos¹.

Com esse período pré-carnaval recheado de acontecimentos positivos e negativos, o poder público se mobilizou para tentar suprir as necessidades da grande massa de foliões. Operações como Choque de Ordem e Operação Lei Seca foram feitas em diversas partes da cidade. Foram mobilizações em vários setores, com o objetivo de atender a grande demanda que a cidade do Rio de Janeiro tem neste período. A começar pelo trânsito, que apesar de ter sido muito criticado, teve uma organização melhor do que anos anteriores. O metrô funcionou das 24h de sábado a terça-feira, com 32 estações abertas. Outro fato importante foi a iluminação e a vigilância. Segundo o jornal O Dia², o Carnaval 2011 foi o mais iluminado e vigiado dos últimos anos. Com novas 30 câmeras da CET-Rio, a cidade ficou com um total de 480 câmeras com o objetivo de monitorar o público, ordenar o trânsito e reprimir quem for flagrado urinando nas ruas. O esquema de segurança teve um reforço em todo o Estado de 50 mil PMs e 2.950 viaturas. Ônibus com agentes treinados pelo FBI, ficaram nas imediações do Sambódromo. Os preparativos ainda contaram com a participação de 1,5 mil garis, com 140 equipamentos.

Por ser um jornal destinado ao público de massa, o jornal O Dia fez uma reportagem bastante interessante sobre a Mochila-espiã da Prefeitura do Rio³. Um funcionário andava no meio do público com uma mochila que tem uma câmera acoplada, essa câmera transmitia imagens em tempo real do que estava acontecendo no cerne dos desfiles. E graças ao aparato tecnológico, um turista que sofreu traumatismo craniano ao cair de um muro de cinco metros, foi socorrido rapidamente com a ajuda necessária para a gravidade da lesão.

Com o carnaval batendo à porta, começam as viagens pelo Brasil. E no fim de semana de carnaval, foram dezenas de notícias tristes em relação à violência nas estradas. De sexta a domingo, houve 2.619 acidentes nas rodovias federais, com 129 óbitos e 1.473 feridos. O que dá em média 43 mortes por dia. Com o carnaval dando adeus, dia 11, o jornal O Globo, publica um título que resume bem como foi o carnaval nas estradas federais: Nunca se morreu tanto. Segundo o jornal, o carnaval de 2011 foi o mais violento nas estradas, com 213 mortos só nas rodovias federais. Em relação a 2010, no mesmo período, o carnaval de 2011 tem números acachapantes. Enquanto em 2010 tivemos 143 mortes e 1.912 feridos, o carnaval de 2011 registrou 213 mortos e 2.441 feridos. Um exemplo de que a educação no trânsito precisa urgentemente evoluir.

Outro fator importante nesta época é a violência do Rio de Janeiro. Para isso, aferimos os dois jornais e constatamos poucas notícias relacionadas à violência urbana. Segundo dados da Secretaria de Segurança do Estado do Rio de Janeiro, houve queda de 18 tipos de crimes no Estado durante o carnaval deste ano em comparação com o mesmo período de 2010. O número de homicídios dolosos diminuiu 44,44%, de 72 para 40 ocorrências. Redução acentuada também teve o roubo a transeuntes, de 660 reduziu para 372, menos de 43,63%. Furtos e roubos de veículos passaram de 258 para 184 (28,68%) e de 212 para 172 (18,86%), respectivamente. Já o total de lesões dolosas

¹Fonte: Jornal O Globo – 28/2/2011

²Fonte: Jornal O Dia – 4/3/2011

³Fonte: Jornal O Dia – 4/3/2011



caiu de 1.040 para 662, uma redução de 36,34%. Mas nem tudo foi positivo, o porte ilegal de arma de fogo e o de tráfico de entorpecentes aumentaram de 35 para 48 (mais de 37,14%) e de 28 para 64 (128,57%), respectivamente.

Neste ano, a segurança do carnaval do Rio de Janeiro foi aprovada. Isso é o que dizem os turistas. Segundo pesquisa feita pela UniverCidade e a Fundação Cesgranrio, realizada de 5 a 7 de março com 800 turistas estrangeiros, 30% ficaram satisfeitos com a segurança. Enquanto ano passado a segurança ocupava o segundo lugar entre os pontos negativos, este ano ocupa o segundo lugar nos pontos positivos. De acordo com a pesquisa, os outros pontos positivos foram: blocos carnavalescos (35%), a população anfitriã (20%), os ciclerones (10%) e a gastronomia (5%). Já no aspecto negativo, a classificação ficou: dias chuvosos (40%), preços caros dos serviços (30%), falta de informação turística (20%) e táxis (10%). Lembrando que ano passado, a sujeira foi o nosso maior ponto negativo, segundo os turistas. Mas nem todos os turistas saíram daqui felizes, o turista japonês Takuya Nemoto, 27 anos, foi preso por estelionato, aos registrar queixa de furto inexistente para receber o seguro. Todavia, o turista não contava com a sagacidade da Deat (Delegacia Especial de Apoio ao Turismo). Esse não é o primeiro caso de turistas querendo se passar por espertos, em julho de 2009, duas inglesas foram presas no Rio após tentarem aplicar o mesmo golpe e em dezembro do mesmo ano, um americano foi detido ao usar o mesmo plano para receber R\$ 32 mil do seguro.

Mas se a sujeira passou despercebida pela maioria dos turistas, não passou pelos integrantes da Comlurb. Os funcionários da empresa recolheram 849 toneladas de lixo entre sexta e terça-feira de carnaval no Sambódromo, no Centro, na Estrada Intendente Magalhães, em Campinho e nos locais de blocos. O que equivale a 12% a mais do total do ano passado. A falta de educação fez com que os blocos deixassem rastros de sujeira e mau cheiro. Somente na Avenida Rio Branco, após o desfile do Cordão da Bola Preta, foram necessários 16 mil litros d'água para limpar a sujeira.

E quando falamos de mau cheiro não nos referimos somente ao lixo jogado nas ruas, mas também aos porcalhões que urinaram nas ruas e até em jardins de condomínios. Até o dia 7 de março, já eram contabilizadas 606 pessoas detidas por urinar fora de banheiros. Enquanto ano passado durante todos os dias, o número foi de 360. O noticiário dos dois jornais em questão continham todos os dias pelo menos uma matéria relacionada ao tema. Na maioria das vezes contendo cenas esdrúxulas, inclusive com fotos de mulheres urinando em local público. Muitos colocam a responsabilidade no aumento do número de foliões e na falta de banheiros químicos que não supriu, mais uma vez, a necessidade da população. Algumas medidas já começam a ser planejadas visando o ano que vem, de acordo com o secretário especial da Ordem Pública, Alex Costa, o projeto de uma lei propondo multar os porcalhões é uma das sugestões. Outro fator interessante é a mudança de alguns blocos da Zona Sul para outros bairros, o que visa evitar, por conta do aumento vertiginoso de pessoas curtindo os blocos, o comprometimento da infraestrutura oferecida.

Para uma análise mais detalhada dos números, aferimos o balanço oficial da prefeitura sobre o carnaval 2011. Segundo esses dados, o Rio de Janeiro se consagrou como o maior carnaval do país atingindo a marca de 4,9 milhões de foliões espalhados em diferentes pontos da cidade. Desse total, um milhão era de turistas, sendo 700 mil nacionais e 300 mil estrangeiros. A Folia de Momo gerou R\$ 750 milhões, teve 96% da



rede hoteleira ocupada e registrou um aumento de 15% no número de pacotes vendidos. Ao todo, passaram-se 424 blocos em todas as regiões da cidade. Ao longo de 22 dias, foram usadas 7.400 cabines de banheiros químicos e 40 contêineres sanitários. A estimativa é que tenham sido recolhidos mais de 1.200.000 litros de xixi pelos banheiros químicos, e 750.000 litros, pelos contêineres, ou seja, no total, o equivalente a três piscinas olímpicas de urina.

Desde o desfile dos blocos pré-carnavalescos, 1.802 veículos foram rebocados e 7.488 multados por estacionamento irregular. A operação Choque de Ordem levou para a delegacia 777 pessoas por urinarem na rua. Foram apreendidos 14.993 itens do comércio ambulante, entre eles bebidas, isopores e alimentos. A Operação Carnaval 2011 da Guarda Municipal do Rio de Janeiro registrou uma queda de 58% no número de ocorrências relacionadas ao patrulhamento em geral (como crianças perdidas, solicitações do Disque Ordem, atendimento a turistas, entre outros) e crescimento de 2,5% no número de veículos com infrações em relação ao Carnaval do ano passado. Além disso, subiu para 232 % o número de veículos rebocados. O Centro de Controle Operacional (CCO) da Guarda Municipal do Rio de Janeiro registrou 89 ocorrências durante o carnaval em toda a cidade, o que representa uma queda de 58% em relação ao ano anterior.

A Comlurb removeu 1304 toneladas de lixo desde o desfile dos primeiros blocos de rua, em fevereiro, até o Monobloco, dia 13/03, quando foi encerrado o carnaval. Nesse total estão incluídas também as quantidades de resíduos removidas do complexo do Sambódromo, Avenida Rio Branco e Estrada Intendente Magalhães.

Na parte da segurança, o carnaval carioca contou com o auxílio de quase 500 câmeras, além do Corpo de Bombeiros, Polícia Civil e da Polícia Militar, que trabalharam durante as 24 horas dos dias de folia. De acordo a Polícia Civil, houve uma queda em 18 crimes durante o feriado de carnaval no Rio. O número de homicídios dolosos ficou 40 em 2011 contra 72 em 2010. Lesão corporal culposa caiu de 414 para 382. A queda de lesão corporal dolosa foi de 1.040 para 662. O roubo de veículos foi de 212 para 172.

Considerações finais

O carnaval do Rio de Janeiro em 2011 foi um importante tema de estudo. Pois serve como base para pensarmos em um futuro próximo, quando a cidade maravilhosa será sede de jogos da Copa do Mundo e das Olimpíadas. A análise final contém muitos saldos positivos, mas não podemos omitir erros primários que são consideráveis para uma cidade que receberá milhões de pessoas do mundo.

Primeiramente vamos destacar o lado bom, esse carnaval teve o resgate dos blocos de rua. Foram 424, mas pareciam milhares, onde você passava tinha um bloco e uma multidão cantando e pulando (sobre a falta de educação dos foliões citarei mais adiante). E não foi só na capital que os blocos arrastaram multidões, o famoso Cordão da Bola Preta, por exemplo, desfilou na Praça dos Três Poderes, no município de São João de Meriti, e fez a alegria dos foliões. Em outros municípios também foram registrados muitos desfiles de blocos. Outro fator importante foi a subida do bloco ‘Simpatia É Quase Amor’ ao morro do Cantagalo, em Ipanema, após 27 anos sem subir; obviamente o feito deve-se ao fato da comunidade ter recebido uma UPP (Unidade de



Polícia Pacificadora) há pouco tempo. No último dia de carnaval, o Monobloco encerrou jocosamente, fazendo a festa para aproximadamente 500 mil pessoas.

Sendo assim, devemos ressaltar um dos maiores, quiçá o maior, responsável por inflar os blocos de pessoas: Flash Mob. Gerado em função das redes sociais, onde pessoas marcam encontros com o objetivo de formar uma aglomeração instantânea em torno de algum evento, show ou até mesmo para atrair atenção do público (muitas agências de publicidade usam esse fenômeno). Obviamente, o carnaval dos blocos teve no Flash Mob um de seus pilares essenciais, blocos como o da cantora Preta Gil e o Monobloco, são dois dos maiores exemplos da boa utilização desse fenômeno. Para nós, estudiosos de comunicação, devemos ficar em alerta para fenômenos como esse que ajudou a resgatar o desfile dos tradicionais blocos e inflou os, até então, desconhecidos. Portanto, nesse aspecto dos blocos foi um ponto muito positivo na cidade, onde há algum tempo o carnaval se resumia aos desfiles das escolas de samba.

Falando-se em escolas de samba, mais uma vez a Sapucaí (local destinado às escolas para desfilar) foi vista como uma Gata Borracheira. Ela passa exatamente 11 meses abandonada pelo poder público, mas quando chega perto do carnaval recebe uma maquiagem e fica linda... até o carnaval acabar. Depois, inicia-se o mesmo ciclo, onde a Gata Borracheira (Sapucaí) nunca ganha seu desejado e merecido vestido.

Já que estamos falando de folia, alegria etc., não podemos nos empolgar e esquecer da maior tristeza dessa época: mortes em acidentes nas estradas. Esse ano foi onde teve o maior número de mortes no período de carnaval. Resultado que deveria ser visto com maior zelo pelo poder público. Será que o ensino dado pelas autoescolas é adequado? É algo a se pensar.

O carnaval também foi marcado por um tema que a cada ano que passa se polemiza mais: urinar nas ruas e em locais públicos. O fato não vem de hoje, segundo matéria publicada no O Globo ¹, urinar na rua já provocava polêmica desde 1776. De acordo com a reportagem, na primeira tentativa de acabar com o hábito dos moradores de atirar nas ruas a urina acumulada na noite anterior, marquês de Lavradio, decretou: “Todo sujeito que for arremessar águas servidas pela janela deverá bradar antes ‘água vai’”. Ou seja, podia sujar, mas tinha que avisar. O Rio de Janeiro na época dos vice-reis era uma cidade suja, onde não havia banheiros públicos, faltava higiene na população e até os nobres urinavam nas ruas. Com a cidade muito suja, veio por meio da Princesa Isabel, em 1887, um projeto para instalar banheiros públicos, e inspirada no latim deu o nome de mictório (expelir líquidos). Porém, o projeto só saiu do papel no início dos anos 1900, pelo prefeito Pereira Passos, onde instalou quatro ‘mictórios’.

Após essa pequena citação histórica, percebemos que não mudou muita coisa em 235 anos. Se existiu um ponto negativo na folia do carnaval carioca, podemos citar sem hesitar que foi a falta de educação da população. Quem se arriscou a curtir o carnaval em um desses blocos e é um cidadão consciente, deve ter ficado estarecido com a forma de brincar o carnaval de algumas pessoas. Adolescentes embriagados com garrafas de vodca na mão, agarrando moças à força (também embriagadas) e beijando-as. Parecia uma competição, gritavam com veemência “peguei quinze, trinta...”, tratando a mulher sem o mínimo respeito, e o pior, elas aceitando esse tratamento; fomos massacrados por cenas esdrúxulas e inadequadas, onde uma família sensata deveria privar-se de ver situações tão degradantes.

¹Fonte: Jornal O Globo – 13/3/2011



A questão de urinar na rua foi uma vergonha. Cenas de mulheres urinando em plena Ipanema, pessoas ébrias por todos os cantos, lugares sendo danificados, como um jardim de um condomínio que foi destruído por ser pisoteado. Estamos regredindo, não adianta só o apoio do poder público se nós não temos educação. Latinhas de cerveja jogadas no chão e tendo uma lixeira a menos de 10 metros. Não foi por acaso que a Comlurb recolheu toneladas de lixo esse ano, estamos vivendo numa sociedade onde o errado parece ser o certo, tamanha é a quantidade de pessoas sem educação. Isso sem contar o mau cheiro, que com a chuva, espalhou-se cada vez mais, tornando os lugares fétidos. Não queremos tirar a responsabilidade da prefeitura diante da falta de banheiros, até porque, não precisa ser nenhum matemático ou engenheiro para saber que a quantidade de banheiros não atende a demanda. No bloco Sargento Pimenta, por exemplo, eram quinze unidades para cerca de cinco mil pessoas.

Todavia, não queremos justificar a falta de educação de grande parte da sociedade, mas temos que pensar que o condicionamento social nos levou a agir assim desde pequeno. Quem, quando estava apertado para urinar, nunca ouviu de sua mãe: “Filho, faz xixi ali na árvore ou no poste”? Não podemos ser hipócritas, porém, uma cidade com a importância do Rio de Janeiro, que vai ser sede de eventos mundiais, tem de começar a trabalhar para modificar esse condicionamento social desde já, não dá mais para brincar, os olhares do mundo estão focados aqui.

Nesse estudo, notamos que as notícias referentes à violência foram escassas. Tanto no jornal O Globo como no jornal O Dia, raras matérias no período do carnaval foram em relação à violência. O que soa estranho, pois até o jornal O Dia, que costuma publicar matérias direcionadas ao assunto, veiculou poucas notícias. Será que a violência diminuiu tanto assim a ponto de não sair no jornal? Ou será que a imprensa age com o conceito de Gatekeeper (Pena, 2005) tendenciosamente selecionando só os fatos que não mancham a beleza do espetáculo? Será que o evento não foi o ensejo de mostrar o lado bom do Rio de Janeiro para o mundo e omitir o lado negro? São questionamentos que nos suscitam a pensar de maneira cética. O que podemos afirmar é que, com a midiaticização do carnaval, o desvirtuamento da maioria da sociedade para a espetacularização do evento, deixou de lado problemas graves que se acentuam a cada dia e isso nos preocupa, o maior exemplo disso é a Dengue, que da mesma forma que a falta de educação da população, não pode se responsabilizar somente o poder público, pois a colaboração da sociedade é peça fundamental no combate. A Dengue em 2011 teve um aumento de 857% em relação a 2010 ¹.

Por esses fatos supracitados, acreditamos que a sociedade e o poder público precisam urgentemente de uma sinergia, tanto na vontade de sermos anfitriões educados como responsáveis, cobrando do poder público o papel que cabe a ele pôr em prática. Não podemos cair na espetacularização de eventos gerada propositalmente com o intuito de desviar a atenção dos problemas reais. Estamos a correr o risco, em um curto prazo, de nos depararmos com imensos canteiros de obras inacabadas, além de elefantes brancos espalhados pelo Brasil e receitas acima do esperado. Precisamos aprender com os erros e mudar radicalmente, senão é capaz de um turista chegar em 2013 ao Rio de Janeiro para assistir à Copa das Confederações, e ver um Maracanã com obras em andamento, cenas de pessoas urinando nas ruas repletas de lixo no chão e tendo que voltar ao hotel por meio de um transporte público precário e nefasto.

¹Fonte: Jornal O Globo – 4/3/2011



Referências Bibliográficas

- BUARQUE, Chico. *Sonho de um Carnaval*. 1965 © Editora Musical Arlequim Ltda.
- DEBORD, Guy. *La société du spectacle*. Paris, Gallimard, 1992.
_____. *Commentaires sur la société du spectacle*. Paris, Gallimard, 1992a.
- DURKHEIM, Émile. *As formas elementares de vida religiosa*. São Paulo: Paulus, 1989.
_____. “As Regras do Método Sociológico”. In: GIANNOTTI, José Arthur. *Os Pensadores: Émile Durkheim*. São Paulo, Editora Abril Cultural, 1978.
- FREITAS, Ricardo F. *Centres commerciaux: îles urbaines de la postmodernité*. Paris, L’Harmattan, 1996.
_____. (org.) *Desafios contemporâneos em comunicação*. São Paulo, Summus Editorial, 2002.
_____. *Nas alamedas do consumo: o shopping centers como solução contemporânea de lazer nas cidades globalizadas*. *Contato: Revista Brasileira de Comunicação, Arte e Educação*. Brasília, Senado Federal - Nº 2, 1999.
- MAFFESOLI, Michel. *No fundo das aparências*. Petrópolis, Ed. Vozes, 1996.
_____. *La transfiguration du politique – la tribalisation du monde*. Paris, Grasset, 1992.
_____. *Au creux des apparences: pour une éthique de l’esthétique*. Paris, Plon, 1990.
- MOSCOVICI, Serge. *Representações sociais: investigações em psicologia social*. Petrópolis, Ed. Vozes, 2003.
- PENA, Felipe. *Teoria do Jornalismo - São Paulo: Contexto, 2005. p 133-135*
- QUERÉ, Louis. “Entre o facto e o sentido: a dualidade do acontecimento”, in *Trajectos*, n. 6. Lisboa, Casa das Letras/ISCTE, 2005.
- RAMOS, Sílvia e PAIVA, Anabela (org.). *Mídia e violência: novas tendências na cobertura de criminalidade e segurança no Brasil*. Rio de Janeiro, IUPERJ, 2007.